



Ano 2 - Edição 6
Julho de 2014

ATIVOS da silvicultura

EVOLUÇÃO DO CUSTO DE PRODUÇÃO E ESTAGNAÇÃO DO PREÇO DA MADEIRA

Por Marcos Antonio S. Miranda, Eng. Florestal - UFV

A alta nos preços dos insumos ao longo dos últimos anos tem elevado o custo de produção da madeira de eucalipto na maioria das regiões produtoras do Brasil. Outro fator que contribui para a redução da rentabilidade do produtor florestal é a estagnação no preço de venda da madeira. A constatação foi feita a partir da avaliação dos preços dos insumos utilizados na eucaliptocultura nas regiões de Curvelo (MG), Palmas (TO) e Campo Grande (MS), levantamento do Projeto Campo Futuro.

Na região de Campo Grande, onde a silvicultura teve expressivo crescimento nos últimos anos, o Custo Operacional Efetivo (COE) apresentou alta de 3,49% entre os meses de agosto de 2013 e abril de 2014. Com isso, o Custo Total (CT) registrou alta de 2,64%, passando de R\$ 45,14 por metro cúbico (m³) para R\$ 46,33/m³. Os fertilizantes foram os principais responsáveis por esse aumento. O aumento no COE e a manutenção do preço da madeira neste período em R\$50,00/m³ em pé, o lucro do produtor teve uma redução de 24,4%, passando de R\$ 4,86 para R\$ 3,67 por metro cúbico de madeira.

Em Palmas (TO), o CT de produção da madeira no mês de dezembro de 2012 era de R\$ 45,02/m³. No mês de

abril de 2014, esse custo aumentou para R\$ 46,78/m³. Os fertilizantes e os agroquímicos foram os principais responsáveis pelo aumento do custo de produção. Na região, também não houve reajuste no preço da madeira e o valor do metro cúbico permaneceu em R\$ 62,00/m³ em pé.

Na região de Curvelo (MG), onde a madeira tem como principal destinação a produção de carvão vegetal para a siderurgia, o CT apresentou um aumento ainda mais acentuado. Em novembro de 2012, o valor era de R\$37,15 por metro cúbico. Em abril de 2014, passou para R\$ 40,11, um impacto de 7,38%. O preço da madeira nesse

período se manteve em R\$ 45,00 por metro cúbico em pé. Dessa forma, o lucro dos produtores teve uma redução de 37,8% passando de R\$ 7,85 para R\$ 4,89 por metro cúbico.

De acordo com o levantamento, há certa oscilação no preço dos insumos ao longo do ano, principalmente dos fertilizantes. Dessa forma, os produtores devem planejar as aplicações de insumos e fertilizantes e estar atentos à oscilação de preços em cada região, para optar por sua aquisição em época de menor preço. Esta avaliação possibilitará aumento na rentabilidade do projeto.

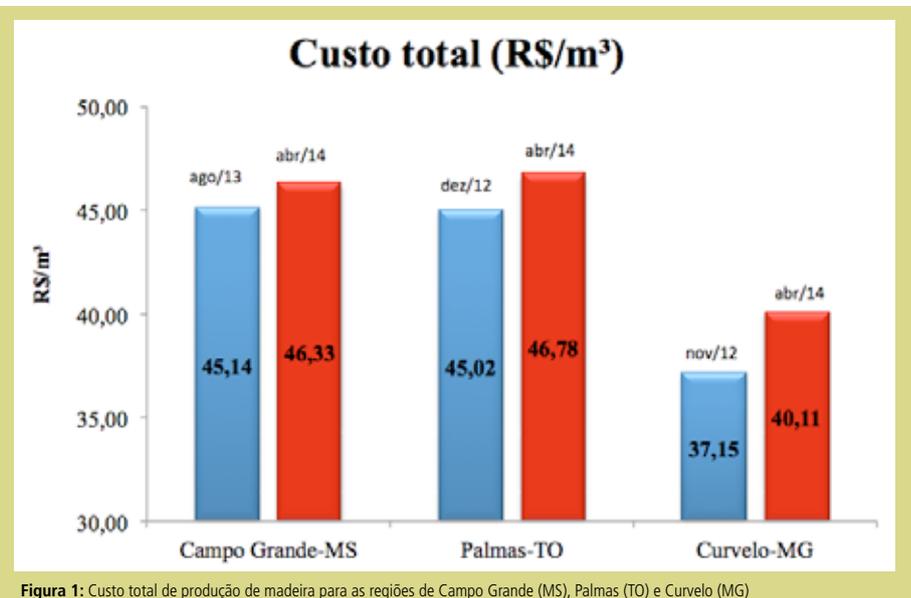


Figura 1: Custo total de produção de madeira para as regiões de Campo Grande (MS), Palmas (TO) e Curvelo (MG)

QUEDA NO PREÇO DA BORRACHA ELEVA RELAÇÕES DE TROCA DOS INSUMOS

Por Marcos Antonio S. Miranda, Eng. Florestal - UFV

A queda no preço da borracha ocorrida no mês de abril prejudicou a rentabilidade dos seringalistas em todas as regiões produtoras. Provocou, também, aumento das relações de troca do quilo da borracha pelos insumos utilizados na cultura. O levantamento foi realizado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Dendrus Projetos Florestais e Ambientais em parceria com a Universidade Federal de Viçosa.

Diversos insumos são utilizados na ocasião de implantação do seringal e durante o período de manutenção e exploração. Aqueles que tiveram a relação de troca mais afetada foram os herbicidas e fertilizantes.

O glifosato é o princípio ativo da maioria dos herbicidas utilizados na limpeza da área antes do plantio e controle de plantas daninhas durante a exploração do seringal. Na região de Igrapiúna (BA), em janeiro deste ano, era necessário disponibilizar 16,7 quilos de coágulo para comprar um litro do herbicida. Com a queda do preço do coágulo no mês de abril, para R\$ 1,70/quilo, e a oscilação no preço do herbicida, a relação de troca aumentou para 23,5 quilos de coágulo para compra de um litro do herbicida.

Na região de Guarapari (ES), a relação de troca passou de 12,2 quilos de coágulo no mês de janeiro para 12,3 quilos no mês de abril. A pequena alta da relação de troca é explicada pela redução no preço do litro herbicida de R\$ 31,00 para R\$ 27,00 no mesmo período.

Em Monte Aprazível (SP), a relação de troca também melhorou, passando de 8,26 quilos de coágulo em janeiro para 9,50 quilos em abril. O preço do quilo do coágulo caiu 13% no período, passando de R\$ 2,30 em janeiro para R\$ 2,00 em abril (Figura 2).

Em Igrapiúna (BA), o fertilizante NPK 25-00-25 é utilizado na adubação de cobertura. A relação de troca desse insumo teve uma grande alta entre janeiro e abril de 2014. Passou de 571,4 quilos para 729,4 quilos de borracha para compra de uma tonelada do fertilizante.

Em Monte Aprazível (SP) e Guarapari (ES), a formulação utilizada nas adubações de cobertura é o NPK 20-05-20 e observou-se o mesmo comportamento na relação de troca. Na região de Monte Aprazível, em janeiro, eram necessários 578,3 quilos de coágulo para compra de uma tonelada de fertilizante. Em abril, o gasto foi de

650,0 quilos de coágulo. Em Guarapari (ES), no mês de janeiro, 531,8 quilos de coágulo eram suficientes para compra de uma tonelada do NPK; em abril, esse valor aumentou para 627,3 quilos.

A alta nas relações de troca dos fertilizantes foram mais influenciadas pela queda de 20% no preço do coágulo em Igrapiúna (BA); de 13%, em Guarapari (ES); e de 13,5% em Monte Aprazível (SP). Outro fator que contribui para a mudança na relação de troca foi uma pequena alta no preço dos fertilizantes, ocorrida em todas as regiões do país.

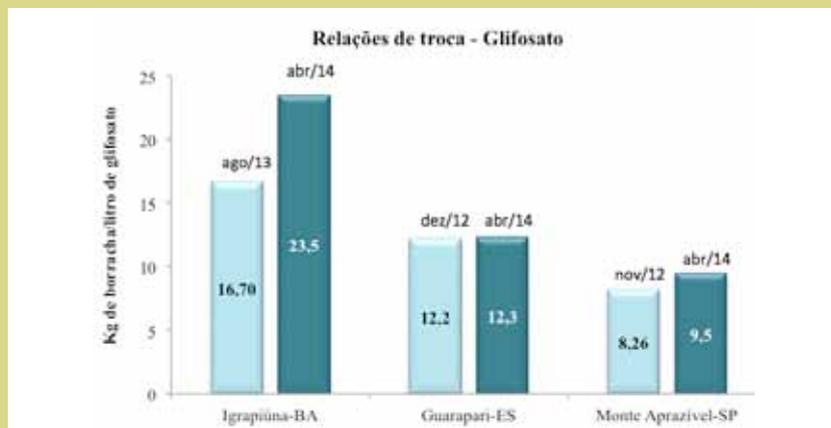


Figura 2: Relação de troca quilo de borracha para compra de um litro de herbicida glifosato.

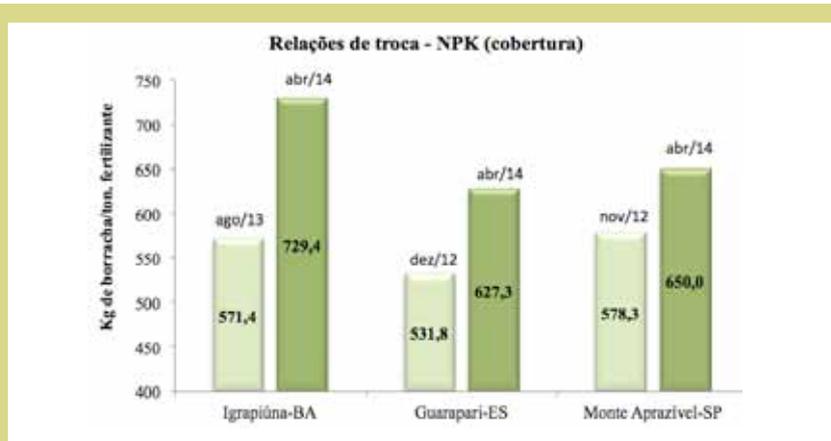


Figura 3: Relação de troca de kg de borracha para compra de uma tonelada de NPK de cobertura.



IMPLICAÇÕES DA PORCENTAGEM DE DRC PARA COMERCIALIZAÇÃO – UM CONVITE À REFLEXÃO

Por Marcos Antonio S. Miranda, Eng. Florestal - UFV

O teor de borracha seca no látex, quando extraído da árvore, varia entre 30 e 35%. Os principais fatores que influenciam nesse teor são: temperatura, índice pluviométrico, clone utilizado, tratamentos silviculturais, estimulação química, fertilidade do solo e frequência de sangria. O restante (65 a 70%) do látex é composto por outros componentes que independem do manejo, como soro, lutóides, proteínas, etc (NETO; GUGLIOMETTI, 2012)¹.

É comum, após a sangria, o armazenamento do látex em caixas plásticas por certo período como forma de eliminar o excesso de soro. Entretanto, na maioria das regiões produtoras de borracha, o látex é comercializado com conteúdo em borracha seca, ou DRC (Dry Rubber Content), em torno de 53%. Comumente este indicador (DRC) é utilizado pelas empresas beneficiadoras para formação do preço do látex ou coágulo. Por meio de amostras afere-se a porcentagem de borracha seca no coágulo. Contudo, é comum haver insatisfação por parte dos produtores em relação ao sistema de precificação adotado pelas indústrias. Este cenário permite fazer algumas indagações: Vale a pena comercializar o látex logo após a sangria, com um DRC tão baixo? Quais as implicações disso? O que pode ser feito para mudar esse cenário?

Do ponto de vista do produtor parece ser viável a comercialização do coágulo logo após a sangria, pois terá maior peso. No entanto, grande parte desse peso (em torno de 50%) é referente

ao soro e componentes não borracha presentes no látex, sem qualquer valor comercial. Se corretamente analisada uma amostra desse coágulo, o teor de borracha seca (DRC) será baixo e conseqüentemente o preço será proporcional a esse teor. Sendo assim, para o produtor não terá diferença em comercializar um coágulo com maior ou menor DRC.

A grande diferença está na logística de transporte do coágulo dos produtores até a indústria. Quando se transporta um coágulo com 35% de DRC, por exemplo, 65% do peso é referente a soro e componentes não borracha, portanto sem valor comercial, que será descartado no beneficiamento.

Na maioria das regiões brasileiras, o coágulo é comercializado com DRC em torno de 53%. Se corretamente armazenado pelos produtores por um período não muito longo (em torno de 15 a 20 dias), esse teor

pode passar para algo em torno de 65%. Para facilitar o entendimento e demonstrar a possível redução de custos com a logística, vamos considerar a produção de látex coagulado do estado de São Paulo no ano de 2012, que foi de 164.301 toneladas. Consideremos ainda que toda essa produção foi comercializada com um DRC de 53%. Se, ao invés de disso o DRC fosse de 65%, a quantidade total seria 133.968 toneladas, ou seja, 30.333 toneladas de produto (soro e componentes não borracha) sem valor comercial foram transportadas.

O valor gasto com o transporte desse peso excedente poderia ser investido no fortalecimento do setor ou repassado aos produtores com melhor remuneração pela borracha. Para isso é preciso mudança de comportamento da indústria e dos produtores.

Sugere-se que os atores envolvidos reflitam e ponderem sobre a economia no custo de transporte que poderiam obter com uma simples mudança de paradigma.



¹ NETO, P.G.; GUGLIOMETTI, L.C. Heveicultura, a cultura da seringueira. 1.ed. São José do Rio Preto: Grafisa, 2012. 344p

CLIMA AFETA PRODUTIVIDADE DA HEVEICULTURA

Por Marcos Antonio S. Miranda, Eng. Florestal – UFV e Camila Braga, assessora técnica CNA

A instabilidade climática observada no Brasil nos últimos meses - chuvas torrenciais no final de 2013 e longo período de estiagem no início de 2014 - alteraram o ritmo de produção e desenvolvimento das principais espécies florestais.

As culturas florestais por possuírem um ciclo de médio a longo prazo possibilitam aos produtores florestais adotar um ritmo contínuo entre plantio e colheita, ou seja, as atividades ocorrem concomitantemente todos os meses do ano.

As fortes chuvas no final de novembro e dezembro de 2013, seguida de estiagem no início de 2014, causaram prejuízos substanciais aos heveicultores do Espírito Santo e do sul da Bahia ao diminuir a produção de látex por impossibilitar a sangria e as tarefas diárias no seringal.

Produtores desses estados indicam que a produtividade por hectare tenha sido reduzida em 20 a 30%. Além dos prejuízos diretos provocados pelo impacto na redução da produtividade, fortes chuvas seguidas de período de estiagem podem favorecer ao aparecimento de doenças bióticas e abióticas e pragas nos seringais.

Com base nos indicadores levantados pelo Projeto Campo Futuro para avaliação de custo de produção de seringueira nas regiões de Guarapari (ES), segundo dados da figura 4, e Igrapiúna (BA), figura 5, e considerando as estimativas de perdas relatadas pelos heveicultores desses estados em 30%, seguem estimativas de prejuízo provocados pela variação climática.

Observa-se que a situação mais grave ocorre na região de Guarapari (ES), onde a redução de 30% na produtividade de um seringal, durante três anos de produção (considerando uma produção de 30 anos), ocasiona ao heveicultor redução de 4% em sua receita e até 146% de redução na margem líquida, calculada pela diferença entre a renda bruta e o custo operacional total.

A perda da produção do seringal, além de redução da renda do produtor, pode

prejudicar aqueles que contrataram financiamentos para investir na cultura.

Diante desse fato, os produtores devem se organizar juntamente com seus sindicatos e federações estaduais de agricultura e pecuária na proposição de políticas públicas emergenciais, seja na extensão do prazo de carência ou renegociação das parcelas financiadas.

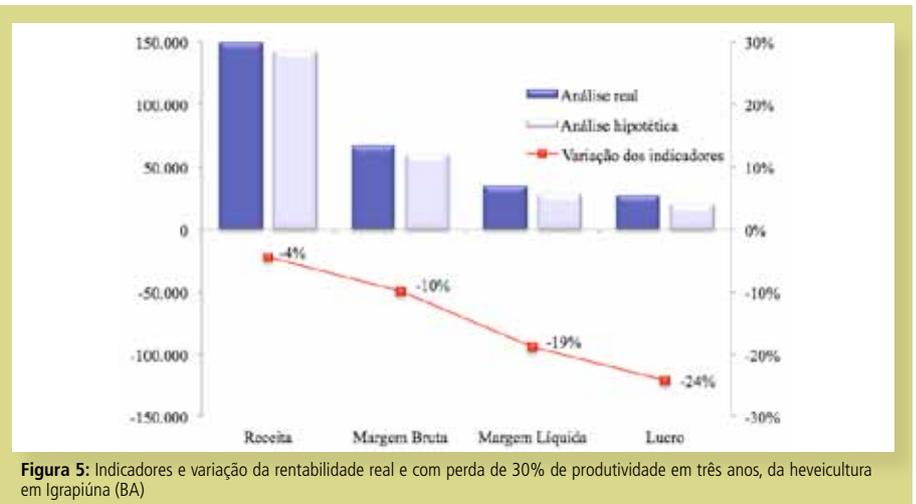
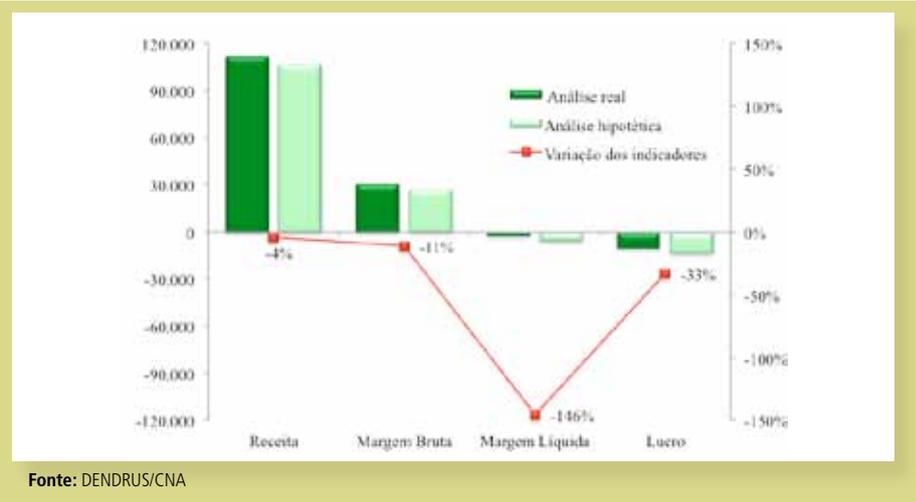


Figura 5: Indicadores e variação da rentabilidade real e com perda de 30% de produtividade em três anos, da heveicultura em Igrapiúna (BA)

ATIVOS DA SILVICULTURA é um boletim elaborado pela Superintendência Técnica da CNA, Dendrus Projetos Florestais e Ambientais e Universidade Federal de Viçosa (UFV).



CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL
 SGAN - Quadra 601 - Módulo K
 70.830-903 Brasília - DF
 Fone (61) 2109-1458 Fax (61) 2109-1490
 E-mail: cna.sut@cna.org.br
 Site: www.canaldoprodutor.com.br